

Piracicaba, 19 de março de 2003

Atividade arrozeira do Brasil é abordada em conferência mundial **Os textos apresentados no evento estão disponíveis à imprensa**

Entre os dias 10 e 13 de março de 2003 acontece a III Conferência Internacional de Arroz de Clima Temperado, em Punta del Leste, no Uruguai. O evento - um dos principais sobre arroz no mundo - tem como objetivo divulgar pesquisas científicas e tecnológicas, além de ser uma boa oportunidade para a troca de experiência entre os agentes do setor.

O Cepea/Esalq/USP, em conjunto com a Embrapa Arroz e Feijão e o Cirad (Centre de Coopération Internationale en Recherche Agronomique Pour le Développement, da França), participa deste evento com três artigos científicos, intitulados "Competitividade entre o arroz irrigado e de terras altas no Brasil", "Geração de emprego e renda pela orizicultura no estado do Rio Grande do Sul" e "Importações brasileiras de arroz nos últimos 10 anos".

Acompanhe, abaixo, o resumo dos artigos apresentados por essas instituições. Em anexo seguem os trabalhos completos, que contêm gráficos, tabelas e análises que dimensionam a atividade arrozeira no país.

O pesquisador Augusto Hauber Gameiro, responsável pelo Projeto Arroz do Cepea/Esalq/USP, pode ser contatado pelo telefone 19-3429-8847 para esclarecer dúvidas e fornecer informações adicionais.

Competitividade entre o arroz irrigado e de terras altas no Brasil

O trabalho compara os sistemas de produção do arroz irrigado e de terras altas, respectivamente, no Sul e no Centro-Oeste brasileiro. O arroz irrigado apresenta produtividade significativamente superior ao de terras altas, porém com uma maior necessidade de sistematização de área, gasto de energia para irrigação e, supostamente, maior aporte de insumos. O cultivo de terras altas, apesar da menor produtividade, geralmente está inserido em uma dinâmica agrícola (com milho, soja, algodão, pecuária, etc) que lhe permite uma grande vantagem comparativa, possibilitando a diluição de importantes itens de custo, como o de oportunidade da terra, do capital e do maquinário. Além do mais, o arroz de terras altas apresenta o relevante papel de cultura pioneira para abertura de novas áreas e/ou renovação de áreas degradadas, funções fundamentais na região de fronteira agrícola.

Considera-se, ainda, a falta de opções para os agricultores de diversas áreas no Sul, imposta pelas condições edafoclimáticas naturais da região, que não permitem o cultivo comercial de outras culturas. Certamente essa falta de oportunidade é uma restrição à competitividade de muitas fazendas sulistas.

Por meio de painéis realizados junto a técnicos e produtores de regiões representativas do Rio Grande do Sul (municípios de Camaquã, Pelotas, Santa Vitória do Palmar e Alegrete), bem como do Mato Grosso (Sorriso, Primavera do Leste e Campo Novo do Parecis), levantou-se informações quantitativas e qualitativas que possibilitaram o cálculo dos custos de produção para a elaboração deste trabalho.

Piracicaba, 19 de março de 2003

Geração de emprego e renda pela orizicultura no estado do Rio Grande do Sul

O artigo quantifica empregos e rendas gerados pela atividade arrozeira no Rio Grande do Sul – que responde por quase 50% da produção brasileira do cereal –, utilizando dados técnicos e socioeconômicos atualizados. Os dados macroeconômicos foram obtidos junto a órgãos estatísticos. Os coeficientes técnicos, bem como os valores dos insumos e serviços, foram obtidos por meio de painéis em três importantes regiões gaúchas: Camaquã, Pelotas e Santa Vitória do Palmar, que abrangem 13% da área plantada com a cultura no estado. As informações foram extrapoladas para todo o Rio Grande do Sul.

Os números indicam que o estado deve cultivar 974 mil hectares de arroz na safra 2002/03. A produtividade média esperada é 5.690 kg/ha. O valor da produção orizícola (em casca) deverá situar-se ao redor de R\$ 2 bilhões, o que representaria mais de 2% do PIB total gaúcho. Os insumos (fertilizantes, sementes, defensivos e combustíveis) devem movimentar um total de R\$ 610 milhões, enquanto os serviços (manutenção de máquinas, transporte, mão-de-obra etc) totalizam R\$ 647 milhões. A remuneração da terra, água e capital é prevista em R\$ 503 milhões e a margem líquida deverá estar ao redor de R\$ 237 milhões. A lavoura arrozeira emprega, permanentemente, o equivalente a 20 mil pessoas no trabalho de campo, quase 1% da população ativa masculina do Rio Grande do Sul.

O resultados obtidos nesse trabalho permitem concluir que a atividade orizícola é de grande relevância socioeconômica para o estado do Rio Grande do Sul. Ela gera cerca de 40% de valor agregado sobre os fatores de produção. Desse retorno, metade vai para remuneração da terra, 5% para a remuneração do capital e 3% para o fator trabalho. No final, a margem de lucro do produtor de arroz fica em torno de 12%, o que pode ser considerado viável para a sustentabilidade da atividade local.

Importações brasileiras de arroz nos últimos 10 anos

O Brasil não é auto-suficiente no abastecimento de arroz para sua população, devido tanto a motivos internos (endividamento dos agricultores, custo de produção etc) quanto à competitividade do arroz de países fornecedores. Mesmo com os avanços tecnológicos, os ganhos da produtividade e de produção não vêm refletindo numa redução do volume de arroz importado.

O artigo procura analisar o quadro de suprimento no Brasil, enfatizando as importações brasileiras de arroz em casca e beneficiado, nos últimos 10 anos (1992-2001). Nesse período o país importou, em média, 770 mil toneladas anuais de arroz (base em casca), o que equivale a 7,3% da produção nacional. A Argentina e os Estados Unidos lideram o fornecimento de arroz em casca, tendo participado com 38% e 36%, respectivamente, das importações brasileiras no período. O Uruguai também é importante fornecedor, tendo respondido por 23% das importações de arroz em casca pelo Brasil. O Paraguai forneceu 2% e todos os demais países, 1%. As importações do arroz que passou por algum beneficiamento são fortemente lideradas pelos parceiros do Mercosul, sendo que Argentina e Uruguai forneceram, juntos, 90% do arroz descascado importado pelo Brasil. Tailândia, Vietnã e Estados Unidos forneceram, cada um, aproximadamente 2% das importações nacionais. Demais países responderam por 4%.



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO • ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA "LUIZ DE QUEIROZ"

cepea@esalq.usp.br • <http://cepea.esalq.usp.br>

Piracicaba, 19 de março de 2003

A proximidade geográfica, a ausência da cobrança de tarifas e o alto excedente de produção colocam os países membros do Mercosul com os principais fornecedores do cereal ao mercado brasileiro. Além disso, essas trocas comerciais são conseqüências de uma organização econômica (integração regional) que procura transformar os países membros em um “único” mercado. Sob esse ponto de vista, pode-se concluir que o mercado arrozeiro do Mercosul tem cumprido o seu papel.

A pesquisa aborda esses aspectos, correlacionando os números com os acontecimentos socioeconômicos vividos pelo Brasil, especialmente as políticas agrícolas, a abertura econômica e a formação do Mercosul.

**Mais informações também podem ser conseguidas através da
Assessoria de Comunicação do Cepea: 19-3429-8836 / 8837**